



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO - PRODUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

ANA LUCIA LIMA DE ALBUQUERQUE

AUTONOMIA INFORMAL
DOCUMENTÁRIO

Salvador
2023

ANA LUCIA LIMA DE ALBUQUERQUE

AUTONOMIA INFORMAL

DOCUMENTÁRIO

Memória do Projeto de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação com habilitação em - Produção em comunicação e cultura, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção título de Bacharel em Comunicação.

Orientador: Dr. Marcos Oliveira de Carvalho.

Salvador

2023

Aos vendedores ambulantes que são parte da história da Avenida Sete de Setembro.

AGRADECIMENTOS

À minha família.

Às minhas filhas Débora e Bruna pelo carinho e companheirismo.

À minha irmã Ana Paula que sempre acreditou e me ensinou a ter coragem.

A Lucas que sempre esteve do meu lado.

Ao meu professor orientador Marcos Carvalho pela paciência, confiança e disponibilidade.

A todos os professores que contribuíram de alguma forma, com apoio e incentivo.

A Produtora Fundo de Quintal que nos cedeu equipamentos emprestados.

A todos os entrevistados que colaboraram com este projeto.

A todos que direta e indiretamente fazem parte desse trabalho.

RESUMO

“Autonomia Informal” aborda um tema relacionado à vida real de indivíduos trabalhadores que atuam no comércio de rua de Salvador. Tem como protagonista a Avenida Sete de Setembro, que fica no centro antigo da cidade de Salvador, onde abriga centenas de vendedores ambulantes. O curta-metragem documental “Autonomia Informal” é um projeto que visa gerar um produto audiovisual de um período histórico desse lugar. Isso acontece a partir da imersão do universo da protagonista sobre o espaço e sobre a importância do comércio de rua do centro da cidade. Faz parte do objetivo desse projeto entender a relação das pessoas com o espaço público e como esse espaço se comporta com esse formato de negócio que vem se transformando na principal fonte de renda de muitas famílias. Neste documentário, o processo de deslocamento das pessoas que circulam na avenida é observado pela câmera, registrando (som e imagem) todo o processo de montagem da estrutura das barracas, e de como se dá às relações com os clientes, com os produtos, com os fornecedores, com o contexto vizinho, até a desmontagem das barracas, no intuito de trazer essas ações para dentro da narrativa do filme.

Palavras-chave

Avenida sete; comércio de rua; vendedores ambulantes; espaço público.

SUMÁRIO

RESUMO	5
SUMÁRIO	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	7
INTRODUÇÃO.....	8
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 Contexto histórico.....	10
1.2 Informalidade	13
1.3 O comércio de rua.....	14
1.4 O espaço público.....	14
1.5 A memória.....	17
1.6 O formato	19
2. A PRODUÇÃO	22
2.1 Processos de realização	24
2.2 Cronograma	30
2.3 Orçamento	33
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
Referências	35
APÊNDICE	36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023 -----	12
Figura 02 - Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023 -----	13
Figura 03 - Relógio de São Pedro, Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023 -----	15
Figura 04 - Relógio de São Pedro, Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023 -----	16
Figura 05 - Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023-----	17
Figura 06 - Relógio de São Pedro, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA-----	26
Figura 07 - Barraca de Elma Mascarenhas, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA-----	26
Figura 08 - Barraca de Diosdete Costa, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA -----	27
Figura 09 - Banquinha de Railson Gomes, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA -----	27
Figura 10 - Barraca de Valmir Sales, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA -----	28

INTRODUÇÃO

Este projeto tem como objetivo a apresentação da proposta de criação de um produto audiovisual apresentado como trabalho de conclusão do curso em Comunicação com habilitação em Produção Cultural pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Para a concepção desse projeto, foram realizadas entrevistas com os trabalhadores do comércio de rua e com pessoas ligadas diretamente aos órgãos responsáveis pelo setor administrativo do local. Assim como usei minhas habilidades adquiridas durante todo o curso de Comunicação - Produção em Comunicação e Cultura.

Esse projeto foi organizado de modo que se traz no início a introdução em seguida a fundamentação teórica que contém os temas abordados como a Comunicação - Produção em Comunicação e Cultura, o contexto histórico sobre a Avenida Sete de Setembro e o planejamento para a realização do produto que estou apresentando aqui, e por último, as considerações finais.

Sobre a produção cultural, tendo como base o livro *Cultura e Sociedade* de Williams Raymond, para depois entrar na produção do documentário com a base teórica dos livros: *Introdução ao Documentário* de Bill Nichols, *Cinema Documentário Brasileiro em Perspectiva*, organizado por Antônio da Silva Câmara e Rodrigo Oliveira Lessa e *O Cinema e a Produção* de Chris Rodrigues. Na base teórica do contexto histórico, usarei o livro *Avenida Sete - Antropologia e Urbanismo no Centro de Salvador*, organizado por Urpi Montoya Uriarte, no qual os autores exploram a memória mostrando o que havia antes da implantação da Avenida Sete de Setembro e como foi traçada essa história até aqui.

Esse trabalho de conclusão de curso tem a intenção de ativar a memória das pessoas através da realização de um produto audiovisual e, ao mesmo tempo, fazê-lo ir além: circular por espaços onde os seus efeitos possam ser despertados não apenas na comunidade acadêmica, mas também nas comunidades não acadêmicas.

Desde quando comecei a imaginar esse projeto, esses foram os meus motivos e desejos de nunca desistir da conclusão deste trabalho. Vou tentar mostrar nesse

documentário uma visão ampla e dinâmica da luta de pessoas que vão às ruas desenvolver atividades de trabalho ocupando espaços públicos.

Esse espaço público do qual iremos nos debruçar está situado no centro da cidade, me refiro aqui à uma das maiores avenidas da cidade. A área é conhecida como um dos maiores espaços abertos de comércio de rua, com uma grande quantidade de vendedores ambulantes que, segundo a Associação Integrada de Vendedores Ambulantes (ASSIDIVAM), é de aproximadamente 1.350 são licenciados.

Existem documentários, reportagens que são projetos semelhantes a esse, assim como existem também livros, monografias e críticas, trago aqui referências de alguns projetos bastante ricos de conhecimento da área. Para o recorte sobre a Avenida Sete de Setembro e o seu contexto histórico, trarei referências do livro O Centro da Cidade, de Milton Santos e algumas matérias dos jornais locais: A Tarde e Correio da Bahia, publicações da época e alguns recortes atuais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Contexto histórico

A Avenida Sete de Setembro foi inaugurada em 07 de setembro de 1916, com uma extensão de 4,7 quilômetros, partindo da Praça Castro Alves até o Farol da Barra (FIRMO, 2017, p. 95). Neste trajeto há importantes pontos como: a ladeira de São Bento, Largo de São Bento, Praça do Relógio de São Pedro, Praça da Piedade, Mercês, Praça da Aclamação, Passeio Público, Campo Grande, Corredor da Vitória e Ladeira da Barra.

A situação “atrasada” de Salvador era tamanha, tal como: sombrios e decadentes casarões coloniais, ruas estreitas e insalubres, ineficientes serviços de transportes e saneamento básico. Com isso, no início do século XX, o governador José Joaquim Seabra com o discurso de modernização, higienismo, normatização, moralização, no intuito de combater péssimos hábitos da população que vivia e trabalhava na rua, associados com as ideias de pobreza, insalubridade e promiscuidade teve como seu ideal, transformar Salvador em um espelho de Paris fora da Europa, excluindo tudo que já existia nela. (FIRMO, 2017, p. 89).

A construção da Avenida Sete de Setembro teve contribuição de arquitetos e profissionais italianos e paulistas. Trouxeram conceitos arquitetônicos modernos nos padrões europeus. Uma memória traumática da antiga igreja de São Pedro, arrancada de seu lugar original para dar forma e volume aos novos traçados da Avenida Sete de Setembro, um símbolo tradicional e colonial de Salvador, assim a igreja foi substituída por outro símbolo, de progresso e modernidade: o relógio. (FIRMO, 2017, p. 93). A Praça do relógio de São Pedro, foi point da capital e da elite soteropolitana: um dos símbolos da cidade moderna, vida diurna e noturna ativas pelos estabelecimentos comerciais, proporcionando contatos, trocas, vivências e sociabilidades.

A partir dessa transformação, a avenida passa a ter moradias nobres e abriga grandes comércios. Período de remodelação de Salvador, que trouxe uma redefinição de identidades e representações diferenciadas por parte de seus habitantes e autoridades, representadas, naquele momento, pelos ideais modernistas de J. J.

Seabra. O que se pretendia era a abertura de novas vias, criação de pontos de sociabilidade, novas construções e novos ocupantes.

Um dos objetivos de Seabra era preparar o espaço público da rua para o livre trânsito familiar. (FIRMO, 2017, p. 91). O intuito era conectar o centro histórico aos bairros mais novos, como a Barra, criando uma via de acesso aos moldes de Haussmann, que defendia a demolição de edifícios e habitações para a construção de grandes avenidas que estruturaram as vias de circulação. Assim, a nova avenida viria organizar o espaço urbano e higienizar a cidade, livrando-a das epidemias decorrentes da vivência em ruas estreitas. (RISÉRIO, 2004; PINHEIRO, 2002).

Dentro desse projeto de higienização existia um projeto de demolição para aumentar as ruas, com o processo de modernizar e trazer mais espaços para circulação. E, obviamente, tinha um projeto de demolição dentro dos quais tinha o mosteiro de São Bento. J. J. Seabra estava dialogando com um ideal de higienização que aconteceu no Rio de Janeiro, que passou por esse mesmo processo e, aí, quando ele fala de higienização naquele momento tem tudo a ver com racionalização. Higienizar não tem a ver com a sujeira física na produção de lixo de insumos da cidade, tem a ver com gente. Na tentativa de esconder o que Salvador tem, e o que Salvador tem é sua gente, preta e pobre. Então, era esse o projeto de Seabra. Não foi todo colocado em prática porque houve resistências, mas ele conseguiu de uma certa forma dentro desse discurso de modernização por seu plano em prática e assim demoliu importantes casarões. As oposições foram fortes a ele principalmente na construção de monumentos, o mosteiro foi bem emblemático naquele momento na construção do relógio de São Pedro.

Ele queria essa Salvador moderna, mas, o moderno de J. J. Seabra ficou velho. A ideia de moderno de Seabra foi engolida por um novo moderno, um novo centro surgiu e a Avenida Sete de Setembro ficou velha.

Segundo Santos (2008) em sua obra *O centro da cidade do Salvador*, a Avenida Sete de Setembro no início do século XX, é descrita como uma área de comércio de luxo e especializada. Mas aos poucos, com a abertura de shoppings centers, na década de 1980 e 1990, o comércio de luxo foi dando lugar ao comércio popular, que atualmente toma conta da região. A rua central, que liga a Praça Castro

Alves ao bairro da Barra, e as mudanças neste espaço refletem os caminhos urbanísticos, econômicos e demográficos tomados pela cidade. (MINNAERT, p. 108).

O comércio de rua, como afirma Santos (2008), a partir dos anos 80 e 90, passa a ganhar um outro sentido. As ruas da Avenida Sete de Setembro, que vão do passeio público à praça Castro Alves, têm uma ocupação do comércio popular focado no público de baixa renda. O comércio deixa de ser só de pequenas lojas e os ambulantes tomam conta das calçadas da avenida. Há uma outra ocupação também acontecendo nesse período, que são as chegadas dos comerciantes chineses que ocupam os casarões com seus negócios.

A Avenida Sete de Setembro, hoje, é uma região que concentra um grande fluxo de pessoas que circulam durante o dia, que movimentam o comércio daquela área, onde concentra em suas calçadas e ruas um grande número de vendedores ambulantes.

Figura 1 - Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023



Fonte: filme *Autonomia Informal* (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Figura 2 - Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023



Fonte: filme *Autonomia Informal* (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Para compreender quem são esses trabalhadores que ocupam a avenida com produtos de vários segmentos, precisamos aqui fazer um breve desenvolvimento do que é e como se deu a informalidade nesse contexto de um lugar específico da cidade de Salvador.

1.2 Informalidade

O termo “informalidade” é bem mais complexo do que podemos esclarecer ou tentar defini-lo aqui. Quando falamos sobre informalidade, geralmente estamos nos referindo ao trabalho informal. Por isso, não basta só pensarmos nesse conceito, porque ele é bem amplo e pode gerar um conflito entre o que pode ser a informalidade.

A existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com rendas muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não têm condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo. Essas diferenças são a causa e o efeito da existência, ou seja, da criação ou da manutenção, nessas cidades, de dois circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços. (SANTOS, 2008, p.37)

Conforme citação de Santos, podemos entender que a informalidade faz parte de uma estratégia de sobrevivência dos mais pobres. De acordo com Costa (2010), o aumento populacional migratório nos grandes centros nos anos 1960 e 1970 trouxe como consequência a criação de novas formas de trabalho informal ou de emprego e renda.

1.3 O comércio de rua

Mauro Scazufca traz uma definição para entendermos um pouco sobre o que se caracteriza como comércio de rua. O comércio de rua é aquele que é praticado em imóveis lindeiros a vias públicas. Também outros como aquele que é praticado diretamente no espaço público, como ambulantes, mas também como espaços fixos como bancas de jornal e comerciantes de produtos diversos com permissão de fixação de seu ponto comercial no espaço público. Quando nos referimos ao comércio de rua, englobamos tudo aquilo que são pequenos estabelecimentos comerciais que visam o capital. Fica de fora desses shoppings centers e hipermercados.

1.4 O espaço público

Quando observamos os espaços públicos, podemos ver com clareza que esses espaços de fato não são tão públicos para todos. E, para usar esses espaços públicos para se trabalhar legalmente como ambulantes e não terem suas mercadorias apreendidas pela fiscalização, existe um valor, uma taxa a se pagar para os órgãos municipais. Esses espaços são compartilhados por pessoas que moram nas proximidades ou que vão todos os dias para nele montar suas barracas. Mas, quando falamos em espaços públicos, pensamos logo que são entendidos como aquela área comum para todos e de todos, onde qualquer indivíduo possa transitar livremente sobre ele sem custos. Se seguirmos nessa concepção o espaço público é um lugar comum a todos que permite diversidade, mas na prática os espaços públicos não são tão democráticos assim.

O espaço público supõe, portanto, domínio público, uso social e coletivo e multifuncionalidade. Se caracteriza fisicamente por sua acessibilidade, o que

o converte em um fator de centralidade. A qualidade do espaço público poderá ser avaliada, sobretudo, pela intensidade e qualidade das relações sociais que facilita, por sua capacidade para gerar misturas de grupos e comportamentos, por sua qualidade de estimular a identificação simbólica, a expressão e a integração cultural. Por isso, é necessário que o espaço público seja pensado como obra de qualificação do entorno, de intrínseca qualidade, assim como a continuidade no espaço urbano e sua capacidade de organização, a generosidade de suas formas, de seu desenho e materiais e a adaptabilidade a usos diversos através do tempo. (BORJA, 2003, p. 122).

Para Borja, o espaço público é ao mesmo tempo físico, simbólico e político. É o lugar de interação, ocupação e transformação das relações entre habitantes e poder público. Pois, é nos espaços públicos do centro da cidade, que, entre prédios antigos, em calçadas, que o comércio de rua vem crescendo e se mantendo em parte pelo apoio, mas também em parte pela ausência de políticas de emprego e renda formais.

Figura 3 - Relógio de São Pedro, Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023



Fonte: filme Autonomia Informal (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Figura 4 - Relógio de São Pedro, Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023



Fonte: filme *Autonomia Informal* (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Em 2013, um projeto de reordenamento do comércio informal foi autorizado a usar as transversais e ruas próximas, deixando assim grande parte da avenida livre para circulação dos pedestres. Houve resistência dos ambulantes, e muitos deles preferiram migrar para outros locais da cidade. E se pegarmos um período mais recente, em 2020, os ambulantes foram retirados das calçadas e colocados em um espaço demarcado nas ruas. A prefeitura declarou que estava retirando os vendedores ambulantes e colocando suas barracas em uma faixa amarela com área de 2 metros quadrados, com dois metros de distância do outro. Deixando assim, as calçadas livres para os pedestres.

As medidas adotadas pela prefeitura em proporcionar um espaço para acomodar os ambulantes nem sempre são as melhores formas de reordenamento. A tentativa de retirada e construção de um lugar próprio para os ambulantes é de interesse público porque o espaço público é o local em que a representação da sociedade se torna visível. (BOUÇAS, R. L. J. / MARQUES, B. T., p. 135)

Figura 5 - Avenida Sete de Setembro, Salvador-BA, 2023



Fonte: filme *Autonomia Informal* (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

As tentativas de reordenação dos ambulantes perpassam entre diversos discursos complexos sobre apropriação do espaço público e questões políticas que vão além do objetivo desse projeto aqui proposto.

1.5 A memória

O sociólogo Maurice Halbwachs e o psicólogo Frederic Charles Bartlett estabeleceram nas primeiras décadas do século XX as bases teóricas sobre memória e sociedade e definiram a memória como construção social. O conhecimento sobre a memória, foi mostrar que a mesma fazia parte de um processo social, em que indivíduos não são vistos como seres humanos isolados, mas interagindo uns com os outros ao longo de suas vidas a partir de estruturas sociais determinadas (SANTOS, 2000, p.39). Portanto, a memória precisa de vida, de troca, de experiências e de interações. Trocas e vivências não isoladas, é de fato uma construção social que se mantém viva através da lembrança afetiva de coisas que marcaram de forma positiva e negativa.

A Avenida Sete é esse lugar da vivência da memória, dessa troca de memória coletiva, é o espaço onde a memória está em ebulição, mas nem tudo que os seres humanos trocam ali ou vivem ali fica na memória. O que fica na memória são as

coisas significantes e insignificantes, como por exemplo: um trauma fica na memória porque é insignificante, uma grande venda porque é significativa, mas pelo valor financeiro agregado. Memória e lembrança são parecidas, memória remete ao lugar ativado pela ação da lembrança de um sujeito que viveu. A memória é o lugar e a lembrança é a pessoa. E dessa forma podemos concordar com a teoria de Halbwachs sobre a memória social atrelada à lembrança.

A lembrança é reconhecimento e reconstrução. E reconhecimento na medida em que aporta o 'sentimento do já visto'. É reconstrução principalmente em dois sentidos: por um lado, porque não é uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas sim um resgate destes acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais; por outro, porque é diferenciada, destacada da massa de acontecimentos e vivências invocáveis e localizadas num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais.

Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados, e que são construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas.

A memória é esse trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os 'quadros sociais' nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articularem-se entre si (Schmidt, 1993 apud HALBWACHS, 1990, p. 289).

As memórias que não são minhas, mas que são de um lugar, perpassam as lembranças, as gerações e transformam tudo o que vive e habita nesse espaço, em uma outra lógica das condições de representação, uma representação realista, por relatos mediados pela memória de pessoas que viveram, mesmo quando se utiliza do que nem mesmo se viveu. "Abre-se a possibilidade de que a memória, ao invés de ser recuperada ou resgatada, possa ser criada e recriada, a partir dos novos sentidos que a todo tempo se produzem" (GONDAR, 2008). Se a possibilidade da memória é ser criada e recriada, então, a função desse documentário é recriar uma representação do hoje deixando em registros uma nova memória social deste espaço, desse tempo.

O filme, enquanto "representação externa e visível do que foi dito e feito", pode se tornar "fonte de memória popular", dando-nos a sensação vívida de como alguma coisa aconteceu em determinado tempo e lugar". (NICHOLS, 2005, P.90). A memória,

portanto, é um resgate da lembrança de um indivíduo que vive num coletivo num determinado período de uma época.

1.6 O formato

O filme documentário tem demonstrado a capacidade de contribuir para o entendimento aprofundado de questões atuais ou retomadas sob perspectivas de investigação histórica no caso de filmes mais antigos (NICHOLS, 2005, p. 79). Com base no que se refere ao gênero cinematográfico, o documentário é a melhor linguagem para se trabalhar sobre a realidade vivida nesse contexto da autonomia informal, pois possui técnicas de captação de imagem/som e de estruturação da narrativa que ajudam a esclarecer e dar vida ao tema abordado.

Segundo Nicholls os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais, atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à maioria popular e à história social. (NICHOLS, 2005. p. 27)

Dessa forma, podemos afirmar que a memória popular contribui na construção da história de um povo, de grupos, e trago essas histórias contadas a este projeto os personagens reais, da vida real a protagonizar suas histórias, suas lembranças, seu cotidiano, seus hábitos, no intuito de fazer conhecer e deixar de serem despercebidos nas ruas do centro da cidade.

Trago aqui, para esse projeto, histórias verdadeiras de algumas pessoas que encontraram nas ruas da cidade um lugar onde fazem o comércio de rua ficarem cada vez maiores e alguns desses acontecimentos individuais que simbolizam esse fenômeno coletivo serão registrados diante das câmeras. Em se tratando da vida de pessoas reais, cenários reais.

Nesse tipo de filme usa-se das imagens reais registradas pela câmera para que a partir daí e do argumento apresentado aqui, possamos construir uma narrativa que possibilite contar a história dessa realidade das ruas do centro da cidade registrada sob o ponto de vista do realizador.

O documentário irá usar a linguagem cinematográfica na composição da narrativa, através dos planos, do enquadramento, da escolha da locação, escolha dos personagens, da iluminação da montagem e da direção. Cabendo à proponente deste projeto as funções de pesquisadora, produtora e diretora do filme.

Bill Nicholls traz uma noção sobre os estilos de um filme documentário que servem como linha básica para este projeto.

Os filmes que compõem a tradição do documentário são uma outra maneira de definir o gênero. Para começar podemos considerar o documentário um gênero como o faroeste ou a ficção científica. Para pertencer ao gênero, um filme tem de exibir características comuns aos filmes já classificados como documentários ou faroestes, por exemplo. Há normas e convenções que entram em ação, no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los: o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada em uma cena e o uso de atores sociais, ou pessoas em suas atividades e papéis cotidianos, como personagens principais do filme. Todas estão entre as normas e as convenções comuns a muitos documentários. (NICHOLS, 2005, P. 53).

Os modos que Nicholls nos apresenta como modelo para se fazer um documentário, vão ditar o estilo e o ritmo da narrativa. No filme documentário, podemos identificar os seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. (Nicholls, 2005, p. 135).

Para esse projeto “Autonomia Informal” dois dos modos descritos por Nicholls servem como base para a construção sólida da narrativa. O modo observativo, presente na sua estrutura de forma primária, com destaque, conduz as ações dos vendedores observando-os dentro da imagem, e o modo expositivo, de forma secundária, representado pelo suporte das entrevistas de alguns vendedores nas suas banquinhas e barracas, conduz a narrativa com o seu discurso e diálogo com o tempo e o lugar.

O modo observativo é descrito por Nicholls como a maneira de se filmar pessoas ou fenômenos, para através desse registro construir padrões e argumentos que constituem e conduzem o filme.

Seguirei nessas duas linhas como base para esse projeto aqui descrito, dessa forma haverá maior abertura de conversas que possam ser extraídas de boas histórias e fazer render um bom documentário.

2. A PRODUÇÃO

A produção cinematográfica cuida da capacitação de recursos, dos custos do filme, do planejamento logístico, da tática de filmagem e do retorno do investimento aplicado, controlando sua distribuição e exibição (RODRIGUES, 2007 p. 67).

Tal citação leva-nos à compreensão de como a produção direciona-se para ações que têm em suas consequências a realização de algo, seja um produto físico ou não.

A produção cultural é abrangente e engloba toda uma série de ações e atividades tanto no campo artístico como cultural. Os estudos de WILLIAMS Raymond sobre culturas trazem um sentido aos estudos da cultura ou de culturas.

A cultura para Williams significa produzir a realidade. Na condição de forma produtiva ela constitui o mundo real quando interagimos com ele, se vale de meios como a língua, as tecnologias específicas de escrita, formas de escrever, sistemas eletrônicos e mecânicos de comunicação, etc. O produto cultural é, em grande medida, um desdobramento das relações sociais que alteram a consciência prática que a produz.

O produtor cultural pode ser aquele que produz os meios para a realização de um projeto audiovisual. Existem diversas ramificações desse profissional. Produtor associado, co-produtor, produtor executivo e simplesmente produtor. (CHRIS Rodrigues, 2007, p. 69) Independente de qual for, todos têm um objetivo de criar condições para que todos os elementos de um filme sejam produzidos e realizados.

O produtor organiza o desenvolvimento do filme, tende a acompanhar o filme do início ao fim. Produzir carece de capacidade de negociação. Será roteirizado, criado a partir de um planejamento de uma interpretação da vida real.

Para a construção desse projeto, da criação de um produto, o documentário Autonomia Informal busca apresentar uma narrativa construída em cima de uma realidade. (RODRIGUES, 2007, p. 68)

Enquanto estudante de comunicação e produção cultural, penso que somos nós comunicadores e produtores, os negociadores e realizadores de cultura que conversam com ambas as partes. As partes a serem negociadas a que me refiro aqui,

trata-se da relação de negociação de valores direto com os prestadores de serviço, desde de um artista ou coletivo, fotógrafo, vendedor, videomaker até a captação de recursos financeiros para a pós-produção de um filme, por exemplo. Ao exercer o cargo como produtor cultural, deve-se ter habilidades de administrar conflitos, administrar pessoas, ter conhecimentos de outras áreas, precisa ser capaz de trazer soluções.

A decisão de fazer do meu TCC um produto audiovisual, só deixa claro que a minha formação nesse curso me levou a acreditar que existem diversos caminhos a seguir dentro da universidade, os caminhos da comunicação e da produção, que também estabelecem relações com minha experiência no campo profissional do audiovisual.

Poderia aqui citar inúmeros teóricos e seus conceitos, e como se dá e faz necessário ter esses conceitos esclarecidos, mas aqui não tão somente é necessário entender da comunicação e produção, mas também entender como as coisas de fato acontecem nas ruas, nos becos, nos camelódromos. E esse conhecimento e experiência em campo, que dará consistência a esse projeto.

Contudo, o projeto documentário está consolidado a um estilo cinematográfico e o que de fato for relevante tanto em base teórica ou conhecimento empírico não serão descartados e sim, serão trazidos para esse documentário.

O documentário traz em sua trajetória a representação do mundo real. O realismo cinematográfico perpassa pela realidade do que se pretende filmar. No cinema, a realidade filmada vem desde a década de 20 com filmes importantes como: Nanook, Esquimó (1923) de Robert Flaherty, considerado o primeiro documentário feito e O Homem com a Câmera (1929) de Dziga Vertov. Esses foram pioneiros com a linguagem documental, a partir de então, se deu continuidade na produção e criação de vários outros documentários que tratam sobre a vida real.

2.1 Processos de realização

A ideia do projeto 'Autonomia Informal' foi iniciada no segundo semestre de 2021 quando cursava a ACCS Audiovisual e Direito à Cidade, matéria ministrada pelo professor Marcos Carvalho. Foi durante uma atividade obrigatória da Accs que surgiu a ideia de realizar um filme sobre os vendedores ambulantes da Avenida Sete de Setembro. Também foi nesse período que dei início a uma boa relação com as personagens: Elma, a vendedora de sandália havaianas; e Diosdete, a vendedora de meias, de guarda-chuvas e capas de chuva. Nesse momento, foi quando começou a nascer uma relação de confiança entre nós três, trocamos contatos telefônicos, o que acabou servindo para chegar em outras pessoas.

As primeiras entrevistas foram feitas em 2022.2 ainda durante o processo de pesquisa em campo, onde entrevistei Mário, o presidente da associação dos ambulantes e feirantes, a Associação Integrada de Vendedores Ambulantes e Feirantes da Cidade de Salvador (ASSIDIVAM). As informações recebidas através dessa entrevista com o líder da categoria serviram para o entendimento e amadurecimento deste projeto.

Durante esse período, foram muitas idas e vindas a campo para observar o movimento diário dos vendedores, dos moradores do lugar, das pessoas que circulavam com o objetivo de comprar alguma coisa no comércio, e principalmente de conhecê-los um pouco durante a labuta do dia a dia de trabalho, a relação com o cliente, com as vendas. Além de sentir o tempo, o ritmo e quais histórias poderiam render um bom conteúdo para a construção da narrativa do filme.

Todo o processo de construção do filme 'Autonomia Informal' foi dividido em três etapas de ação: pré-produção, produção (execução) e pós-produção, levando doze meses de duração. Tudo criado através da escuta e do olhar atento da diretora, que durante a relação com os vendedores ambulantes sentiu de perto as singularidades de cada um.

Durante as escutas foram realizadas entrevistas com os vendedores ambulantes que aceitaram participar do filme. No início houve um pouco de resistência, alguns por vergonha, outros por medo de alguma consequência negativa, mesmo explicando que se tratava de um trabalho acadêmico de conclusão de curso. Tanto a base teórica da matéria, como a pesquisa em campo deram um

embasamento melhor para a realização das etapas que fizeram parte do processo de criação do plano de ação até o produto.

- a) Pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo empírica.
- b) Entrevista.
- c) Captação de áudio e vídeo.
- d) Montagem.
- e) Filme finalizado em 28 min.

Para a segunda etapa, a da produção, foi dado início a captação de imagens e sons na avenida. As gravações foram todas externas, realizadas durante cinco dias e horários alternados, sendo que os três primeiros dias foram filmados no turno da manhã e os dois últimos no turno da tarde até o início da noite, por exemplo: as últimas imagens do filme foram filmadas nesse momento. Com o objetivo de mostrar um dia completo de trabalho dos vendedores na Avenida Sete de Setembro, da montagem até a desmontagem das barracas e banquinhas improvisadas no passeio.

O número de entrevistados foi satisfatório, para a quantidade de minutos propostos para duração do documentário, suas falas trouxeram história, se conectavam com a dinâmica do local e a vivência dos outros vendedores da avenida, até porque o objetivo era de capturar mais o movimento das pessoas no lugar, se atentando aos seus acontecimentos espontâneos e ter menos falas.

Dos personagens, quatro eram vendedores: Elma Mascarenhas, Diosdete Costa, Railson Gomes, Valmir Sales e um historiador: Clíssio Santana.

Sobre a pequena participação do historiador no documentário. Sua escolha foi somente para que houvesse uma breve contextualização histórica do comércio do lugar, para que o espectador pudesse entender como e quando surgiu, e porque surgiu, essa vocação da Avenida Sete de Setembro para o comércio de rua pulsante que atrai muitos vendedores autônomos e ambulantes.

Clíssio Santana é pesquisador e historiador, um personagem que nos leva através de som e imagens a conhecer objetos, ruas, memórias, sensações e histórias pertencentes a esta região da cidade.

Figura 6 - Relógio de São Pedro, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA



Fonte: filme Autonomia Informal (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Elma Mascarenhas é comerciante há 25 anos e começou a trabalhar como vendedora ambulante na Avenida Sete de Setembro no início de 2020, durante a pandemia do Coronavírus.

Figura 7 - Barraca de Elma Mascarenhas, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA



Fonte: filme Autonomia Informal (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Diosdete Costa começou como vendedora ambulante nas proximidades da Estação da Lapa, e mudou-se para a Avenida Sete de Setembro após a regularização dos órgãos públicos.

Figura 8 - Barraca de Diosdete Costa, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA



Fonte: filme Autonomia Informal (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Railson Gomes quando criança trabalhou com a mãe vendendo agulha. Quando sua mãe faleceu, ele deu continuidade ao trabalho ambulante na avenida.

Figura 9 - Banquinha de Railson Gomes, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA



Fonte: filme Autonomia Informal (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

Valmir Sales trabalha há 49 anos como vendedor ambulante. Ele faz parte do conselho do sindicato dos ambulantes de Salvador.

Figura 10 - Barraca de Valmir Sales, Avenida Sete de Setembro - Salvador-BA



Fonte: filme Autonomia Informal (2023), direção de Ana Lucia Albuquerque

A parte prática empacou nas questões técnicas, no tempo de disponibilidade das pessoas e na segurança pública. Ficamos engessados também por questões de equipamentos para a captação de som e imagem, mas, no final, decidimos fazer o filme com o que tínhamos: uma câmera Canon 5D mark II, um microfone BY-MM1 BOYA acoplada a câmera e um microfone DJI Mic 2 canais sem fio de 250m - DJI108.

Mesmo com poucos recursos podemos afirmar que geramos um produto significativo, com um conteúdo bom, um importante registro de um momento da Avenida Sete de Setembro e das pessoas que fazem a avenida ter esse comércio de rua pulsante, no ponto de vista econômico de Salvador no segmento de serviços, e que atrai um grande público todos os dias.

Os depoimentos dos personagens tiveram uma boa captação de som graças a um microfone lapela, que captou o som de ambiência geral por um microfone conectado na própria câmera, com uma qualidade boa que ajudou na construção sonora do filme.

O primeiro dia de filmagem foi mais observativo, foi reservado para pegar as imagens gerais do movimento do lugar, uma espécie de pesquisa já captando imagem

e som para o filme e, ao mesmo tempo, com o objetivo de dar opção de imagens para o montador do filme sentir o espaço e os movimentos dos vendedores na avenida e agregar na contextualização na estrutura da narrativa. Esse primeiro dia foi muito importante porque ele acabou sendo a base norteadora para o planejamento dos dias seguintes.

No segundo dia, o foco era fazer algumas filmagens de inserts das ações do dia a dia dos vendedores, relação com os clientes, com os colegas vizinhos de barraca, com os comerciantes formais das grandes lojas, foi uma continuação do primeiro dia, porém, com mais imersão na dinâmica do lugar, mas com a captação direcionada aos vendedores que foram escolhidos para estruturarem a narrativa do filme.

No terceiro dia, chegamos cedo, o foco foi mais na montagem das barracas e as entrevistas dos vendedores ambulantes selecionados para fazer parte do filme. Também nesse dia, filmamos uma moradora da Avenida Sete de Setembro, que não entrou no documentário devido a sua fala não ter rendido muito. Foi um dia riquíssimo em todos os aspectos técnicos, deu tudo certo, conseguimos capturar excelentes imagens e falas dos ambulantes, enquadramentos diversos das pessoas e do ambiente.

No quarto dia de filmagem choveu muito, foi o dia em que entrevistamos o historiador Clíssio Santana. Esse foi o pior dia da produção. O dia começou com sol, mas logo veio uma chuva forte, tornando a captação de som e imagem difícil, desconfortável, tivemos que interromper as gravações por várias vezes. Também tentamos filmar Clíssio com o Relógio de São Pedro ao fundo, mas o som do movimento do local não deixou que fizéssemos a filmagem como gostaríamos e desistimos da locação.

No final, mesmo esperando a chuva passar, decidi encerrar as filmagens apenas com o que tínhamos captado de depoimento do historiador em frente a Igreja de São Bento e no prédio da Politécnica, com o objetivo de solucionar os problemas na montagem.

No quinto dia, com a narrativa do filme bem avançada no processo da montagem e sabendo as pendências de captação, reservei o final do dia para filmar apenas a desmontagem das barracas e das banquinhas, com o foco na captação de

imagem e som que ajudariam a construção da montagem final do filme com um tom mais observativo, trazendo uma visão geral dos vendedores ambulantes, mas também se aproximando dos detalhes e da dinâmica do comércio formal e informal do lugar, mostrando a pluralidade das pessoas, a parceria entre elas e os produtos comercializados, porém, buscando imagens com tom de encerramento de mais um dia de trabalho na avenida.

Sobre o processo de montagem, ela foi pensada para ser construída, no primeiro momento, a partir dos depoimentos e, no segundo momento, a partir das imagens das ações dos personagens e do movimento da Avenida Sete de Setembro, com o intuito de estruturar a narrativa através das falas e do olhar do observador. Esse processo, foi um pouco desgastante, cansativo, por exigir uma intensidade e muita criatividade para poder conectar o som com as imagens, as histórias pessoas com as ações que as pessoas tinham dentro da imagem, foi preciso espremer muito as imagens brutas captadas nos cinco dias para tirar a melhor narrativa do filme. Mas fechamos bem, acredito que o resultado foi bom e que valeu a pena proporcionar aos vendedores ambulantes da Avenida Sete de Setembro o protagonismo dessa história.

2.2 Cronograma

Semestre 2022.2

Pré-produção	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Estabelecimento dos objetivos	X	X			
Escrita da revisão Bibliográfica	X	X			
Ajuste da revisão bibliográfica			X	X	X
Desenvolvimento do trabalho (coleta de dados)	X	X	X	X	
Pesquisa em campo (entrevistas)	X	X	X	X	

Estudos da locação		X	X	X	
Argumentação e Roteirização					X
Identificação de fornecedores de serviços					X
Escolha da equipe de produção					X
Definições finais dos conceitos estéticos					X
Planejamento das filmagens					X
Desenvolvimento do memorial			X	X	
Entrega do Memorial parte 1					X

Semestre 2023.1

Produção	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Produção	X				
Filmagens	X	X			
Decupagem	X				

Pós-produção	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL

Edição / montagem		X	X		
Mixagem de áudio			X		
Finalização de cor			X		
Trilha sonora			X		
Entrega do primeiro corte			X		
Ajustes referente ao primeiro corte				X	
Revisão do memorial			X	X	
Entrega do documentário finalizado em formato Full HD				X	
Entrega do Memorial parte final				X	
Apresentação do TCC				X	
Prestação de contas, relatórios, avaliações, etc.				X	

2.3 Orçamento

O filme documental “Autonomia Informal”, foi produzido com recursos próprios. Abaixo tabela especificando todos os gastos.

Produção	
Telefone	100,00

Alimentação	250,00
Captação de imagem e som	
Operador de câmera	600,00
Operador de som direto	400,00
Edição de vídeo	
Montagem	600,00
Aluguel de ilha	400,00
Transporte de equipamento	
Uber	500,00
Total	2.850,00

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário Autonomia Informal foi estruturado para passar uma visão abrangente sobre a realidade vivida pelos vendedores ambulantes que têm em comum os problemas sociais e econômicos. Desde a fase da pré-produção, quando definimos o objetivo e a proposta do documentário, até a produção e a edição, não posso negar que por alguns instantes tive dúvida que o documentário poderia se perder no meio de tantas informações que existem naquela avenida, foi desafiador manter o foco. Mas, sem dúvida, foi uma experiência significativa.

Durante os dias trabalhados na captação de informações, e comparando com os dias de filmagem, percebi que é importante ter a clareza da idéia, do que se pretende e como vai realizar, só com essa clareza se terá o caminho mais fácil de chegar ao amadurecimento do produto. Mesmo não tendo feito parte dessas clarezas desde o início, não deixei de aprofundar em pesquisa e imersão do dia a dia. Porém, tive muito mais desafios e conseqüentemente aprendizados. É claro que o resultado esperado não chegou da forma que pretendemos, mas o documentário atende ao objetivo proposto.

Espero que este documentário cumpra com a função de ser um veículo com o poder de dissipar estereótipos e preconceitos e que promova uma reflexão sobre as questões sociais e econômicas que permeiam a vida dos trabalhadores ambulantes informais.

Referências

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A linguagem do Cinema**. Tradução: Francine Facchin Esteves, Scientific Linguagem Ltda. ; revisão técnica: Sérgio Nesteriuk. - Porto Alegre: Bookman, 2013.

LESSA, Rodrigo. **Cinema Documentário Brasileiro em Perspectiva**. Salvador: Edufba, 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papyrus, 2005.

QUEIROZ, Adriana Franco de. **Do direito à cidadania para o direito ao trabalho: ocupação e expropriação de “territórios de trabalho” por vendedores ambulantes em espaços públicos da cidade de Salvador – Bahia**. Salvador, 2017.

VARGAS, Heliana Comin. **O comércio varejista e políticas urbanas : uma difícil conversa**. Sinopses, n. 34, p. 20-30, 2000 Tradução. Acesso em: 03 out. 2022.

RODRIGUES, Chris. **O Cinema e a Produção**. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2002.

SANTOS, M. **O centro da cidade do Salvador**: estudo de geografia urbana. Salvador: Progresso, 1959.

COSTA, M. da S. **Trabalho Informal**: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Caderno CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 171 - 190, jan./abr. 2010.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

Na internet:

<https://blogdobrown.wordpress.com/2017/05/25/novo-livro-de-jolivaldo-freitas-conta-a-historia-mudancas-e-folclore-da-avenida-sete>

APÊNDICE

Autonomia Informal

Documentário, 28 min, Brasil, 2023.

Roteiro e Direção: Ana L. Albuquerque

1. SINOPSE

Autonomia Informal é um filme documental que busca a partir da imersão do universo da protagonista “Avenida Sete de Setembro” a importância do comércio de rua do centro da cidade de Salvador para a sobrevivência de muitas famílias.

2. ARGUMENTO:

a) Visão original

Esse é um documentário que conta histórias não só através das vozes, mas também por sua arquitetura urbana. Em Autonomia Informal, quem vai conduzir a narrativa é a protagonista. Os personagens são atores sociais, reais que em muitos dos casos só têm essa atividade como fonte de renda porque perderam seus empregos tradicionais com carteira de trabalho assinada, ou em outros casos por opção, por gostarem de ser dono do seu negócio e do seu tempo.

“Autonomia Informal” remonta histórias que ficaram perdidas nas esquinas de cada beco da avenida. Contadas a partir das vivências dos atores reais que muitas das vezes são esquecidos e invisíveis nas ruas da cidade grande. Enquanto caminhamos pelas memórias do centro, o lugar que para nós é desconhecido, pelos personagens que aos poucos serão apresentados, um a um. Pretendemos percorrer os mesmos lugares que foram importantes e fazem parte da história dessa avenida Sete de Setembro.

Pretendemos observar durante alguns dias o processo de interação entre moradores do local com os visitantes diários que vão ocupar o espaço das calçadas

todos os dias com seu trabalho, acompanhando em dias alternados de maneira a observar e ao mesmo tempo captar imagens que estão dentro da estrutura narrativa do filme. Neste processo de observação filmada, temos alguns momentos de silêncio como também de voz off. É dessa forma que direcionamos algumas conversas na construção desse documentário.

O documentário aborda os assuntos sobre o território, questões sociais e políticas. Todos os acontecimentos captados pelo som e imagens da câmera no período das gravações foram importantes e fazem parte desse produto cinematográfico. Queremos um filme que possa atender nossas expectativas enquanto idealizadores e realizadores.

Portanto, além da história da protagonista, há também diversas outras histórias para serem contadas. Talvez, por estarem invisíveis na multidão, por estarem em situação de risco ou em vulnerabilidade do ponto de vista econômico, social e cultural.

b) Proposta de documentário

“Autonomia Informal” é um curta documentário, de aproximadamente 28 min, que conta a história de um curto período sobre os vendedores ambulantes que trabalham no comércio de rua na grande Avenida Sete de Setembro. A avenida fica no centro da cidade de Salvador, Bahia.

Percorremos apenas os locais onde se concentra um grande número de barracas dos ambulantes, que vão das proximidades da praça Castro Alves até próximo da Casa D’itália.

Também acompanhamos por dias alternados o processo de interação dos ambulantes com seus clientes, com o espaço e com suas mercadorias. Acompanhamos de maneira observativa com uma câmera na mão os movimentos do dia. Neste processo de observação filmada, mostramos alguns momentos de interação entre os personagens e seus clientes. Para entender o objetivo desse documentário, construímos uma estrutura com captação de som e imagem para entender as narrativas nascidas nas ruas.

Pensamos em realizar uma “filmagem viva”, os movimentos de câmera sobre os espaços captando pequenos detalhes, captando o caos, usamos planos abertos, close, plano médio, plano fechado.

c) Eleição e descrição dos objetos

O Centro da Cidade de Salvador - conhecido como um ambiente sem segurança, suja, abandonada, desigual, com estereótipo de exclusão, pobreza, porém podemos ressaltar outros aspectos relevantes, a beleza da arquitetura e sua força histórica cultural.

Avenida Sete de Setembro - É um lugar de encontros de pessoas, é um lugar dos sonhos e da memória, é um lugar para pequenos e grandes comércios.

A Memória - A Avenida Sete é esse lugar da vivência da memória, dessa troca de memória coletiva, é o espaço onde a memória está em ebulição, mas nem tudo que os seres humanos trocam ali ou vivem ali fica na memória. O que fica na memória são as coisas significantes e insignificantes, como por exemplo: um trauma fica na memória porque é significativo, uma grande venda realizada no dia porque é significativa, mas pelo valor financeiro agregado. Memória e lembrança são parecidas, memória remete ao lugar ativado pela ação da lembrança de um sujeito que viveu.

O Cenário - As ruas, os becos, as barracas, os objetos, as pessoas, as casas e prédios, as construções demolidas, os pontos de descartes dos entulhos. Tudo se torna um cenário vivo em transmutação.

d) Eleição e justificativa para as estratégias de abordagem

É na expectativa de encontrar boas histórias que habitam a avenida que são desenhadas nos becos e em cada esquina que nossa busca nos leva ao encontro dessas histórias verdadeiras de pessoas reais que precisam ser contadas.

Os depoimentos foram captados durante a ação, durante a filmagem, entre uma conversa e caminhadas pelas ruas, buscando as memórias que emergem em meio a uma conversa.

O tratamento sonoro, a seleção das imagens captadas durante as filmagens, foram elaborados no processo da pós-produção.

e) Sugestão de estrutura

O documentário “Autonomia Informal”, terá aproximadamente 28 minutos de duração. A ideia é ter um filme que nos apresente o passado e o presente e as consequências das escolhas do passado. O novo e o velho se misturam, mas sem perder o objetivo proposto.

Abertura:

O filme começa com uma tela escura, o áudio surge com voz em off que aos poucos vai aumentando o volume. Uma pessoa está contando como ela começou a trabalhar na Avenida Sete. Enquanto isso, uma mulher segura a bolsa junto a seu corpo. Passa um homem empurrando um carrinho de cafezinho, enquanto a câmera vai captando comportamentos espontâneos dos indivíduos, uma mulher senta esperando que algum cliente apareça para medir a pressão. Pessoas circulam pelas ruas, uma senhora entra na farmácia, pessoas entram e saem de lojas, enquanto isso alguns dos ambulantes ainda estão arrumando suas mercadorias em suas barracas. Som de carros, buzinas, pessoas passam pela câmera que capta suas conversas paralelas. Ainda é cedo, e de longe podemos observar o fluxo de pessoas aumentando, o relógio de São Pedro vai nos avisando que já se aproxima das 9h da manhã.

Momento 1: O rádio toca, um culto está acontecendo do outro lado da rua, pessoas circulam, as barracas estão sendo montadas, roupas, brinquedos, bolsas, alimentos, balas, doces, enquanto escutamos uma moça gritando: chip da Tim, chip da Oi, chip da Vivo, chip da Claro, compre aqui por 10 reais. Aqui entra nosso primeiro entrevistado. Valmir trabalha há 40 anos como vendedor ambulante.

Momento 2: Clíssio Santana está no relógio de São Pedro observando os ponteiros em movimento lento, tudo naquele momento parece andar lento. Ele sai de cena. Entra nossa segunda entrevistada falando dos seus desafios no trabalho e como faz no dia a dia para sobreviver.

Momento 3: Entre a praça Castro Alves e o Relógio de São Pedro, Clíssio Santana vai nos apresentando um pouco do passado daquele lugar. Aqui, ele faz uma breve contextualização da história da grande Avenida Sete de Setembro.

Momento 4: Nesse momento os quatro entrevistados aparecem em momentos alternados e falam sobre suas vidas e trabalho. Seguimos assim, em nosso documentário.

Sempre seguindo as narrativas que encontraremos entre os objetos, as ruas, as pessoas e a arquitetura do local.

Ficha Técnica

Título Autonomia Informal

ano de produção 2023

Dirigido por Ana Lucia Albuquerque

Duração 28 min

Classificação Livre

Gênero Documentário

País de origem Brasil

Roteiro Ana Lucia Albuquerque

Produção Ana Lucia Albuquerque

Montagem Lucas Cerqueira

Consultoria Marcos Carvalho

Fotografia Ana Lucia Albuquerque e Lucas Cerqueira

Som direto Ana Lucia Albuquerque e Lucas Cerqueira

Entrevistados

Clíssio Santana (Historiador)

Elma Mascarenhas (Vendedora)

Diosdete Costa (Vendedora)

Railson Gomes (Vendedor)

Valmir Sales (Vendedor)

Agradecimentos

Marcos Carvalho

Lucas Cerqueira

Débora Albuquerque

Bruna Dantas

Ana Paula Albuquerque

Fundo de Quintal

Clíssio Santana

Mário do Sindicato

Elma Mascarenhas

Josete Costa

Railson Gomes

Valmir Sales

Salvador, 2023.